



# O Santuário rupestre de Campelo, Mondim de Basto (Norte de Portugal)

António Pereira Dinis\*

## Palavras-chave

Norte de Portugal; Santuário rupestre de Campelo; Arte atlântica; Idade do Bronze

## Keywords

North of Portugal; Campelo rock sanctuary; Atlantic rock art; Bronze Age

## Resumo

*Publicam-se os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados, em 2008 e 2009, no Santuário rupestre de Campelo, localizado na vertente oeste do monte de Nossa Senhora da Graça, na freguesia e concelho de Mondim de Basto, distrito de Vila Real.*

*Os trabalhos de prospeção de campo, levantamento dos motivos gravados, sondagens arqueogeofísicas, escavação da área adjacente à rocha 1, do núcleo 1 e limpeza do sítio arqueológico revelaram-se fundamentais para a caracterização e valorização desta importante estação de arte atlântica, “lugar mítico” e de memória, que acreditamos ter estado simbolicamente ativo ao longo de muitas gerações.*

## Abstract

*This article draws upon the information gathered by the archaeological research project carried at the Campelo rock art sanctuary in 2008 and 2009. This site is located in the western slope of Senhora da Graça hill, at Mondim de Basto parish and county, Vila Real district. The study and enhancement of this site were carried out through field survey, drawing of the rock engravings, excavation of the space adjacent to Rock 1, and clearance of the whole area. We believe that this important Atlantic Rock Art site was a “mythical place” and may have been symbolically active throughout many generations.*

---

\* Mestre em Arqueologia. Investigador do CITCEM/UM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço & Memória / Universidade do Minho). Coordenador do projeto Estudo e Valorização do Património Arqueológico da vertente Oeste do Monte da Senhora da Graça, Mondim de Basto (Norte de Portugal)

# 1. Introdução

Durante os trabalhos de prospecção realizados em finais da década de 1990, na envolvente da estação arqueológica do Crastoeiro, com a finalidade de identificar materialidades que se pudessem relacionar, em termos espaciais e cronológico-culturais, com as gravuras rupestres aí encontradas, e já parcialmente publicadas (Dinis 2001; 2009; Dinis & Bettencourt 2009; Rey Castiñeira & Soto-Barreiro 2001), descobriu-se o sítio com arte rupestre de Campelo, tema deste texto. O excecional valor patrimonial logo reconhecido à estação arqueológica e a ameaça à sua salvaguarda, representada pela laboração de uma pedreira na envolvente próxima, motivaram uma intervenção imediata. Assim, durante os anos de 1998 e 1999 avançou-se com o processo de classificação da Estação rupestre de Campelo e, em conjunto com Josefa Rey Castiñeira e Maria José Soto-Barreiro, procedeu-se a um primeiro levantamento das gravuras das rochas 1 e 2, do núcleo 1, trabalho nunca publicado porque os resultados obtidos demonstraram que a técnica então aplicada não tinha sido eficaz, face às características topográficas dos suportes gravados.

Depois de um hiato de quase uma década, retomou-se a investigação desta importante estação, realizando-se trabalhos arqueológicos, em 2008 e 2009, que contemplaram novas prospecções de campo, levantamento integral de todos os motivos gravados, sondagens arqueogeofísicas por georadar e escavações arqueológicas na área adjacente às rochas 1 e 3 do núcleo 1, para além da limpeza do sítio, coberto de inertes depositados pela pedreira referenciada.

Os trabalhos integraram-se no projeto *Estudo e Valorização do Património Arqueológico da vertente Oeste do Monte da Senhora da Graça, Mondim de Basto (Norte de Portugal)*, projeto aprovado e financiado pelo IPA/IGESPAR e pela Câmara Municipal de Mondim de Basto e coordenado pelo signatário.

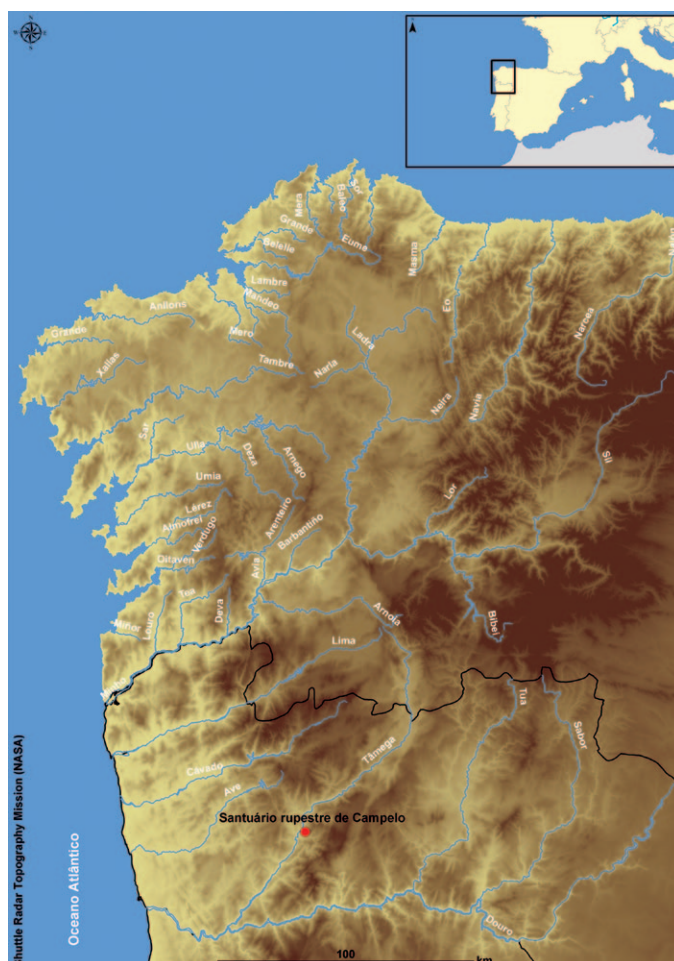


Figura 1. Localização do Santuário rupestre de Campelo na Península Ibérica e no Norte de Portugal.

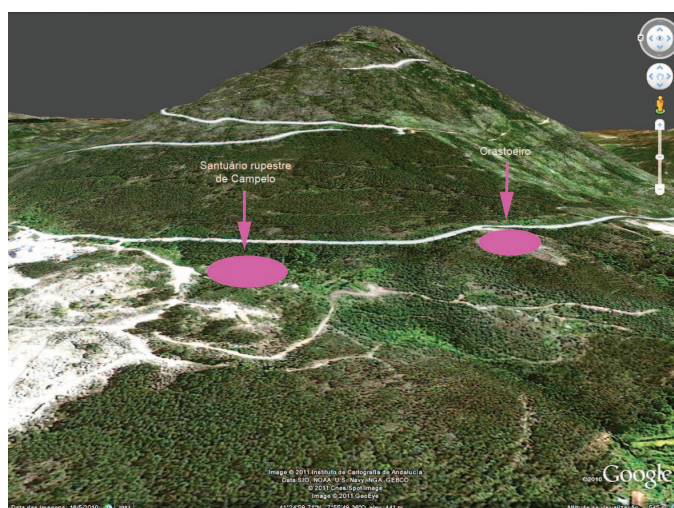


Figura 2. Vista do Santuário rupestre de Campelo e do Crastoeiro na vertente do monte de Nossa Sra. da Graça.



## 2. Localização, contexto geomorfológico e ambiental

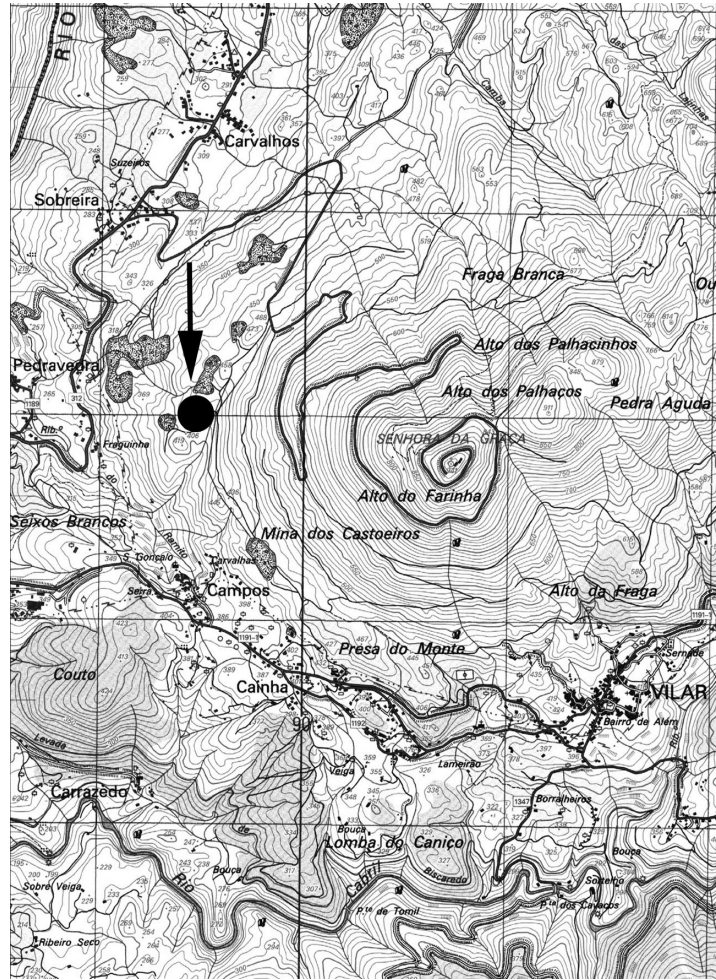
O Santuário Rupestre de Campelo localiza-se na vertente oeste do monte da Senhora da Graça, na margem esquerda do rio Tâmega. Administrativamente, pertence à freguesia e concelho de Mondim de Basto, distrito de Vila Real.

Segundo a Carta Militar de Portugal (escala 1:25000), folha 87, tem as seguintes coordenadas geográficas<sup>1</sup>: Latitude: 41° 25' 12" N; Longitude: 7° 55' 44" W (meridiano internacional); Altitude: 420 m.

O acesso automóvel faz-se pela estrada que liga o lugar de Cainha ao campo de aterragem de parapentes, na subida para o santuário de Nossa Senhora da Graça, tomando o caminho de terra batida, que desce para o vale, a partir da pedra da Granibasto.

A estação arqueológica ocupa uma estreita plataforma, que se desenvolve em anfiteatro para sul, encaixada entre a pronunciada vertente do monte Farinha e um conjunto de pequenos outeiros que a rodeiam de noroeste a sudoeste, circunstância que dificulta a visibilidade do local e torna mais difícil o acesso, a partir de cotas inferiores, com exceção do corredor S-N, que acompanha as curvas de nível do relevo.

O substrato rochoso local é composto por granito de duas micas, de grão médio, com esparsos megacristais, denominado de granito da Senhora da Graça<sup>2</sup>. A curta distância, para sudoeste, encontra-se a zona de contacto entre a mancha de terrenos alóctones, representada pela Unidade de Vila Nune, com quartzitos e tufos vulcânicos e a mancha de terrenos parautoctones, representada pela Unidade de Mouquim, onde



**Figura 3.** Localização do Santuário rupestre de Campelo na CMP, 1:25.000, fl. 87.

predomina a alternância de filitos e xistos com metagrauwaques e ocorrência frequente de filões de quartzo e aplitos.

Embora não haja referência à presença de recursos minerais no local, tal afigura-se como certo pela existência de veios de quartzo nos afloramentos graníticos e, principalmente, pela ocorrência de grânulos de minério de aspecto ferruginoso, incrustados na rocha 1 do núcleo 1<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Coordenadas registadas na rocha 1, do núcleo 1.

<sup>2</sup> Carta Geológica de Portugal, folha 10A (Celorico de Basto), na escala 1:50 000.

<sup>3</sup> Amostras de minério, de forma esférica e aspecto ferruginoso, foram retiradas da superfície da rocha para posterior análise.



**Figura 4.** Grânulos de minério, da rocha 1 do núcleo 1.

Tal como acontece por todo o monte, os recursos hídricos são muito abundantes. O sítio arqueológico é atravessado por uma linha de água que drena para a ribeira do Ramilo e junto do núcleo 1 há uma nascente, atualmente explorada por um dos proprietários da tapada. A acompanhar a curva de nível, do lado nascente, existe um caleiro de pedra que recolhe a água da vertente e a conduz para o vale.

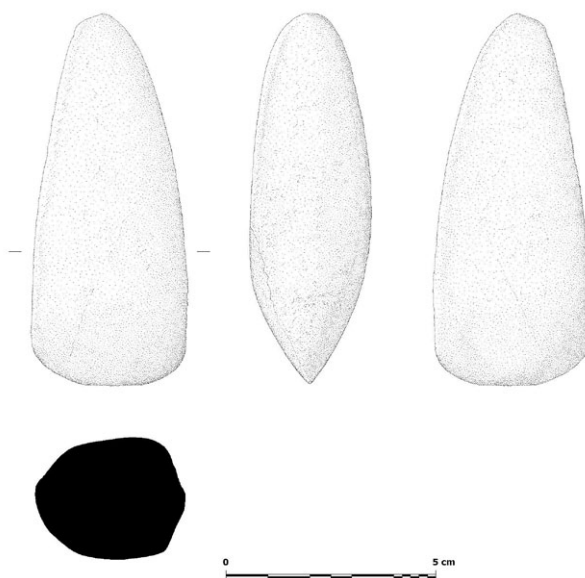
O local, florestado com pinheiro e eucalipto, está profundamente perturbado por ação das pedreiras que laboraram na envolvente próxima. Identificam-se ainda, dispersas pelo monte, pequenas manchas de carvalho alvarinho (*Quercus robur*), resquícios do primitivo coberto vegetal. Em sub-bosque cresce quase exclusivamente feto e tojo aparecendo, ainda, outras plantas indicadoras da degeneração do meio natural, particularmente a urze e a carqueja.

### 3. Contexto arqueológico

São significativas as marcas arqueológicas existentes na envolvente do Santuário rupestre de Campelo, revelando uma longa ocupação desta parcela de território delimitada pelo monte Farinha e o rio Tâmega. A cerca de 100m da estação arqueológica, numa pedreira que

laborou durante décadas, apareceram há cerca de 15 anos, quando as máquinas revolviam o solo, materiais arqueológicos que terão sido repartidos pelos achadores. Informações colhidas junto de operários que testemunharam esse facto revelaram que o local da descoberta, já arrasado pela extração do granito, se situava na vertente voltada a oeste e que o achado era composto, unicamente, por três pequenos machados, de pedra polida. Não obstante as muitas diligências efetuadas, nunca conseguimos detetar o paradeiro dos machados, com exceção de um dos exemplares<sup>4</sup>. A análise macroscópica efetuada revelou um pequeno machado, talvez de quartzito, com as superfícies polidas e gume bem afiado, aparentemente sem utilização. A peça, de forma sub-rectangular, secção ovalada e extremidades arredondadas, possui 9 cm de comprimento e 3cm de largura, no gume (Dinis 2009a: 116).

A cerca de 150 m do núcleo 2 de gravuras, para o lado sul, localiza-se o povoado fortificado do Crastoeiro, importante sítio arqueológico onde se realizaram escavações sistemáticas a partir da década de 1980. Embora as marcas



**Figura 5.** Machado de pedra polida recolhido nas imediações do Santuário rupestre de Campelo.

<sup>4</sup> Agradecemos ao Sr. Agostinho Oliveira, de Fermil de Basto, proprietário do objecto, a permissão de o desenhar e fotografar.



mais visíveis datem da Idade do Ferro, o sítio revelou ter sido usado desde o Calcolítico até à Contemporaneidade, salientando-se um conjunto extraordinário de afloramentos com gravuras de temática geométrica, genericamente enquadráveis no universo das gravuras de Campelo (*Idem, ibidem*: 103-104).

Ainda na envolvente próxima da estação de arte rupestre, registam-se diversas marcas de ocupação de época histórica. Para além de um cruciforme, gravado profundamente no topo de um afloramento granítico de dimensões médias e bem saliente no terreno, localizado à face do caminho velho que contorna a base do Crastoeiro e conduz à aldeia de Campos (*Idem, ibidem*: 119), identificam-se duas estruturas pétreas arruinadas e diversos socacos, relacionados com antigas práticas agro-pastoris. Uma das ruínas, configurando um edifício de planta retangular, localiza-se no sopé do Crastoeiro, a curta distância da Fraguinha. Outra ruína, implantada na área adjacente à rocha 1 do núcleo 1 de gravuras de Campelo, tem planta semi-circular e aproveita um grande monólito com a superfície verticalizada. As reduzidas dimensões da construção e o aparelho fruste dos seus paramentos parecem indiciar a função de abrigo de pastores.

Alargando o raio de ação até 1000 m, mas mantendo-nos ainda na vertente oeste do monte, registamos no quadrante SO, no caminho velho que sobe para o santuário da Senhora da Graça, na cota dos 440m, o sítio das Pegadinhas. Trata-se de uma grande laje de granito, que pensamos ter ficado soterrada aquando da construção de uma estrada, que de acordo com informações da população local possuía diversas gravuras, referenciadas como sendo as pegadas de Nossa Senhora e da sua burrinha, aquando da fuga para o Egipto<sup>5</sup> (*Idem, ibidem*: 105). Finalmente, no quadrante NO, encontra-se o sítio de Sobreira 1, implantado num pequeno outeiro destacado da encosta, na cota 312 m. Neste local, muito

perturbado pela laboração, no passado, de uma pedreira e pela edificação de casas e construção de socacos para agricultura, têm aparecido materiais líticos e cerâmicos, cronologicamente integráveis no Calcolítico / Idade do Bronze e na Idade Média (*Idem, ibidem*: 56-57).

## 4. Caracterização da estação arqueológica

A estação rupestre de Campelo é composta por dois conjuntos de afloramentos de granito, gravados por picotagem e abrasão, com motivos decorativos de temática geométrica. O conjunto principal, junto da pedreira de Campelo, é designado de núcleo 1 e integra 3 rochas. O segundo conjunto, designado núcleo 2, situa-se na Fraguinha a menos de 100 m daquele para Sul, e inclui, igualmente, 3 rochas

### Núcleo 1

Este núcleo implanta-se num local cuja topografia configura uma pequena depressão, ficando os afloramentos praticamente ocultos. No conjunto salienta-se a rocha 1, pelas grandes dimensões do suporte e pela complexidade dos motivos gravados.

#### Rocha 1

Destacada na envolvente devido às suas grandes dimensões, apresenta uma volumetria arredondada, com a superfície bastante irregular pontuada por protuberâncias e fendas. A parte norte foi lascada, ficando visível uma capa mineral, de cor castanha ferruginosa e aspecto granuloso.

As gravuras, em número de 130, distribuem-se praticamente por toda a face superior e englobam os acidentes da rocha na própria configuração dos motivos. A organização compositiva, muito complexa e prefigurando uma meia lua, na fase minguate (quando vista de nascente), inclui meandros, paletes quadrangulares e circulares,

<sup>5</sup> A zona onde supostamente se localizariam as gravuras foi prospectada, por diversas vezes, na companhia de populares que diziam conhecer bem a laje. Infelizmente, nunca foi possível encontrá-la.



Figura 6. Vista geral, tomada de Norte, da rocha 1, do núcleo 1.

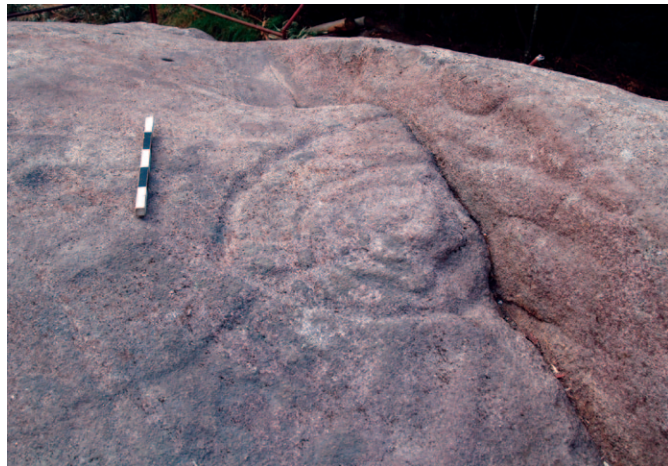


Figura 7. Pormenor das gravuras da rocha 1, do núcleo 1.

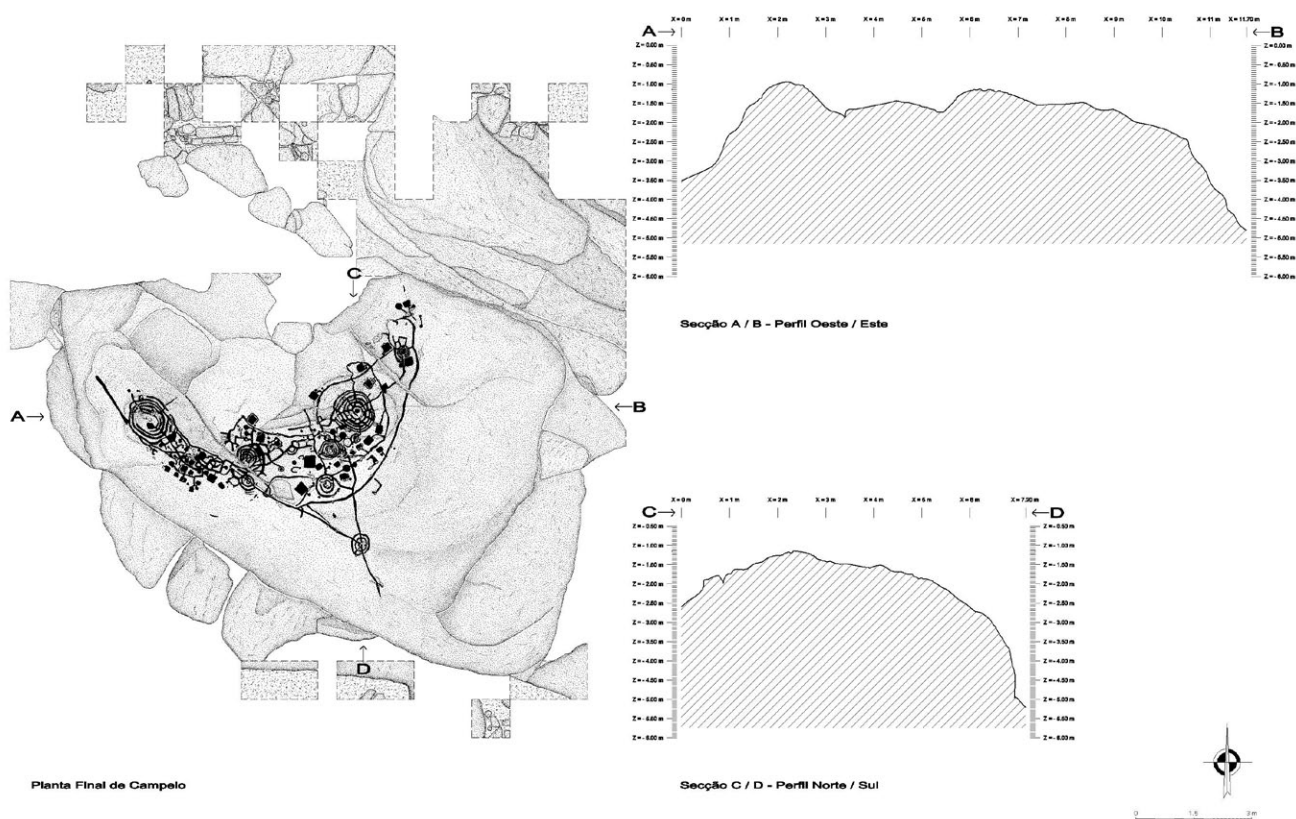


Figura 8. Levantamento da rocha 1, do núcleo 1.

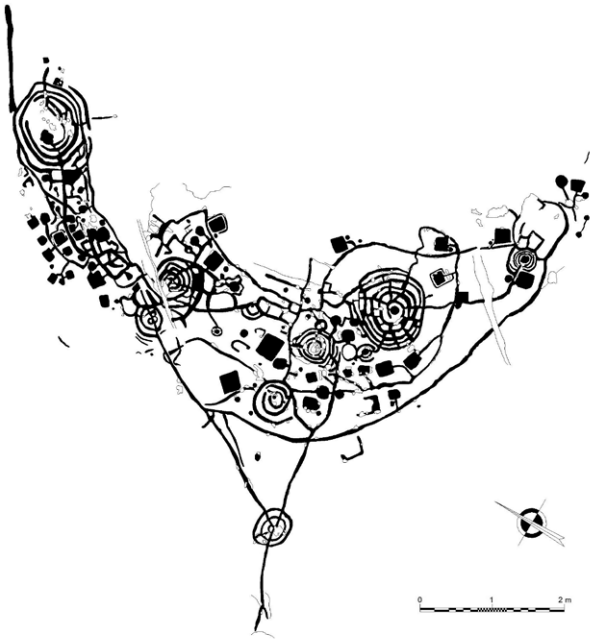
reticulados, covinhas, círculos simples, círculos concêntricos e espirais, por vezes com traços radiais.

O afloramento conserva dois furos, feitos há mais de uma década com broca mecânica, com o intuito de o fender e aproveitar os blocos daí resultantes. O objectivo não foi alcançado pela

oposição do proprietário do terreno, alertado pelos operários que se aperceberam da existência das gravuras.

Tendo em consideração a topografia do afloramento, a distribuição dos motivos gravados e a sua visibilidade, podemos considerar na rocha 1 duas superfícies distintas, uma abarcando os quadrantes S-E e outra os quadrantes N-O. A primeira, boleada e com uma pendente mais pronunciada, concentra as gravuras no ponto

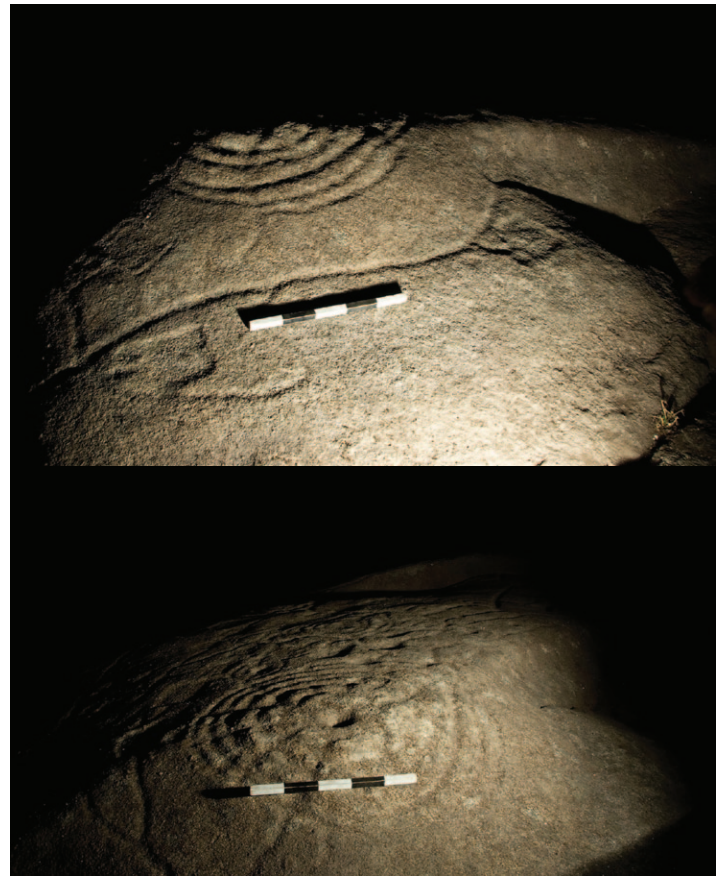




**Figura 9.** Gravuras da rocha 1, do núcleo 1.

mais elevado dificultando a sua observação. O acesso a partir do lado este é possível, contornando a rocha e subindo por um género de “corredor”, definido por uma falha existente entre as rochas 1 e 3. Nesta área destaca-se uma gravura de grandes dimensões, sobre uma protuberância suave de forma cónica, configurando uma espiral destrógiara, de cinco voltas com curvatura irregular e covinha central, segmentada por onze traços radiais, quatro deles direcionados segundo os pontos cardeais e desenvolvendo-se em meandro até outras gravuras.

A parte N-O, onde as gravuras têm uma distribuição mais densa, conforma um L, cujos “braços” são marcados por uma acentuada diferença de cota e uma falha na rocha. No limite poente, a rocha eleva-se e cria uma pendente verticalizada para norte, rematando numa protuberância, muito marcada, totalmente gravada com uma sequência de círculos que parecem representar uma espiral, gravura que se ilumina, em primeiro lugar, quando o sol nasce. O acesso a partir da vertente norte é mais simples porque a rocha encontra-se ao nível da



**Figura 10.** Observação noturna das gravuras da rocha 1, do núcleo 1 (Fotos de Paulo Mota).

envolvente frontal, circunstância que permite uma mais fácil contemplação das gravuras. Este pormenor poderá indiciar que a entrada para o local se faria por este lado, o único que deixa que as gravuras sejam vistas na sua totalidade e tendo como pano de fundo o cume do Monte Farinha, ponto onde se ergue o sol e a lua. No entanto, este lado norte é o que revela maior perturbação antrópica, sendo visíveis as marcas dos dentes de uma retroescavadora no afloramento que atualmente emerge à superfície.

Em termos temáticos sobressaem vários motivos e sobreposições. Os símbolos mais antigos, esbatidos, pouco profundos e mais difíceis de visualizar atualmente, correspondem a composições circulares, principalmente espirais e círculos concêntricos, com e sem covinha central, frequentemente sobrepostos

por motivos similares mas gravados com sulcos mais largos e profundos. Por último gravam-se inúmeras linhas, sobrepostas aos círculos, não raro desembocando em paletes circulares e rectangulares. Há ainda a registar um conjunto de sulcos pouco pronunciados que formam um quadriculado complexo e periférico, em relação aos motivos centrais, localizados a cotas mais elevadas no seio do afloramento, apontando para um processo aditivo.

### *Rocha 2*

Localizada a cerca de 20m para NNO da rocha 1, está desaparecida desde o ano 2000, quando o local foi coberto com inertes provenientes de uma pedreira que laborava nas proximidades.

De forma longitudinal, pequenas dimensões e pouco saliente no terreno, a rocha 2 passava quase despercebida na paisagem. Os trabalhos arqueológicos realizados em 1998,



**Figura 11.** Rocha 2, do núcleo 1 (Foto de 1998).

imediatamente a seguir à sua identificação, contemplaram a limpeza do suporte gravado, o registo fotográfico e o decalque dos motivos. O método utilizado no decalque consistiu na fricção com papel químico, de cor preta, de uma tela de papel fino e resistente, de cor branca, colocada sobre as gravuras. Para garantir a aderência do pigmento pulverizou-se posteriormente a tela com laca.

A superfície da rocha, irregular e meteorizada, estava preenchida numa das extremidades por quatro círculos concêntricos com covinha central, desenvolvendo-se a partir desta um sulco ondulado, orientado longitudinalmente e terminando na extremidade oposta em ângulo de cerca de 90° (Dinis 2001:11-12).

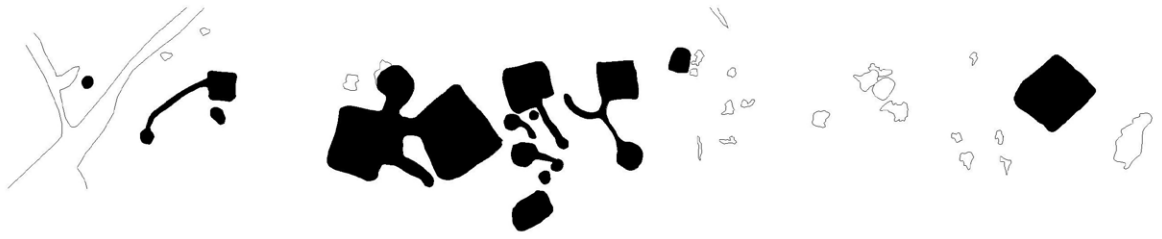
### *Rocha 3*

Localiza-se no prolongamento da rocha 1, para nordeste, estando separada desta por um estreito “corredor”. Aplanada no topo, orienta-se, longitudinalmente, de este para oeste e tem uma largura reduzida. Na superfície estão gravados retângulos, losangos, paletes tendencialmente quadrangulares e covinhas, sendo a composição mais simples do conjunto. Observando as gravuras de oeste para este encontramos um primeiro conjunto integrando duas covinhas isoladas, uma circular e outra ovalada, e uma pequena palete quadrangular ligada a uma covinha circular. Na parte central do suporte regista-se o maior conjunto de gravuras, constituído por quatro paletes, sub-quadrangulares, duas de grandes dimensões, ligadas entre si e a uma covinha e outras duas ligadas a covinhas circulares, duas pequenas paletes circulares, uma delas ligada a uma covinha, e quatro covinhas, isoladas, sendo duas pequenas, circulares, e duas, de dimensões médias, sub-retangulares. Finalmente, no extremo este sobressaem, isolados, um grande losango e uma covinha, sub-retangular.

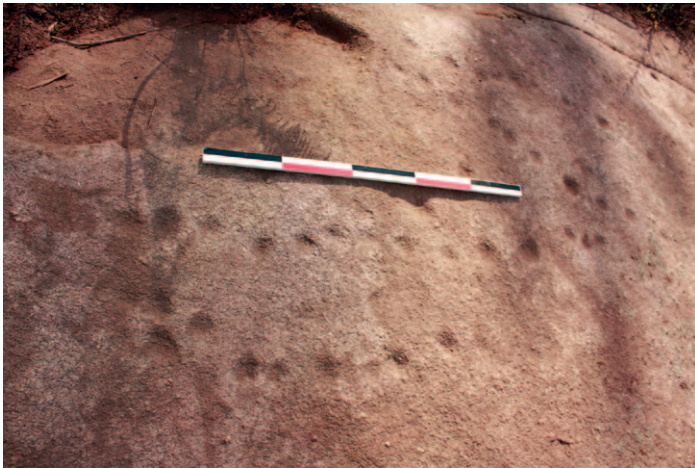
### **Núcleo 2**

Trata-se de um local bastante ocultado, mas com bom alcance visual para sul, no sentido da linha de água, mantendo contacto visual,





**Figura 12.** Levantamento dos motivos gravados na rocha 3, do núcleo 1.



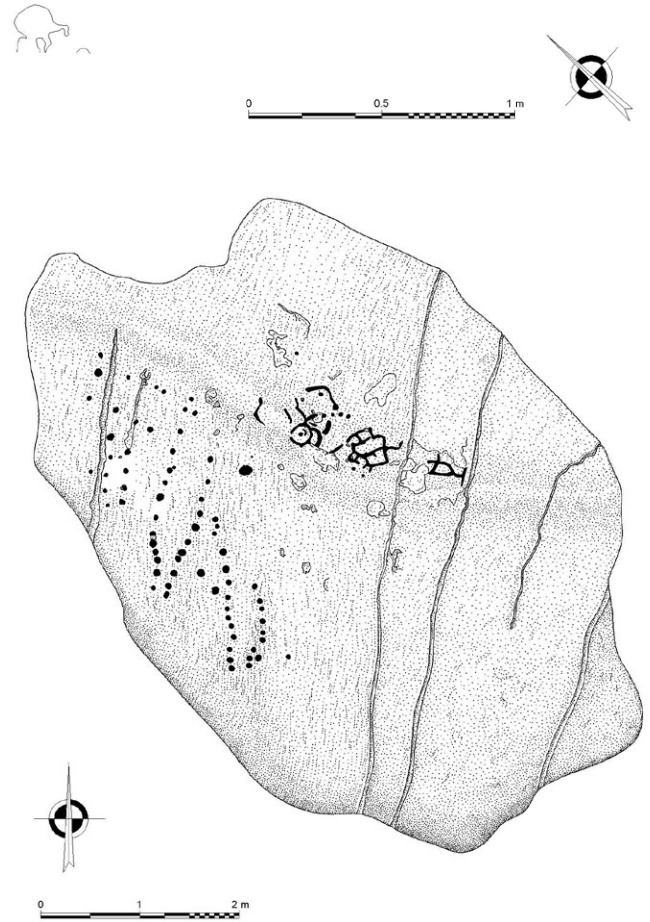
**Figura 13.** Pormenor das gravuras da rocha 1, do núcleo 2.

igualmente, com o núcleo 1. No conjunto das três rochas que constituem este núcleo, destaca-se a número 1 pela extensão e diversidade das gravuras.

#### *Rocha 1*

Com uma implantação muito discreta, dado apresentar-se rente ao solo, passa facilmente despercebida uma vez que existem na envolvente outros afloramentos com características semelhantes. A superfície, muito aplanada e ligeiramente inclinada para sul, está marcada por muitos estalamentos que afectaram a área gravada.

A temática representada é constituída maioritariamente por covinhas, tendo-se registado mais de oito dezenas de exemplares, genericamente subcirculares, com diferentes diâmetros e profundidades, que se desenvolvem no quadrante sul-oeste, agrupadas e alinhadas.

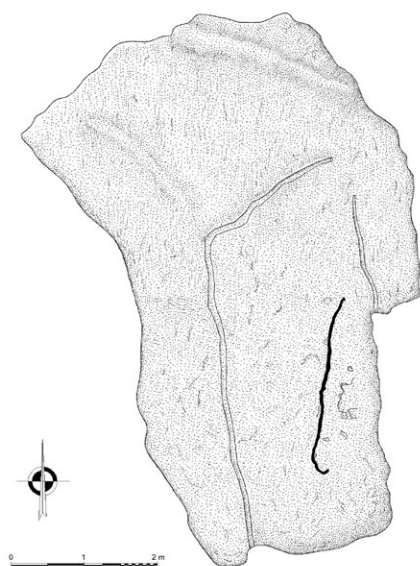


**Figura 14.** Levantamento dos motivos gravados na rocha 1, do núcleo 2.

No lado norte da rocha, numa área mais aplanada mas, também, mais desgastada pela erosão, identificam-se alguns motivos de cariz geométrico, configurando círculos e reticulados.

#### *Rocha 2*

Com características semelhantes à rocha 1, o afloramento 2 fica-lhe contíguo, a norte. Possui um único sulco, longitudinal e bastante comprido, largo mas pouco profundo, de feitura irregular, terminando em linha curva na extremidade sul.



**Figura 15.** Levantamento dos motivos gravados na rocha 2, do núcleo 2.

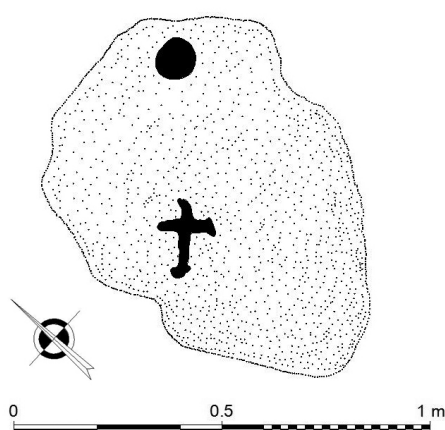
### Rocha 3

Contígua às rochas anteriores, a oeste, aparece bem salientada no terreno, implantada à face de um caminho antigo que conduzia à aldeia de Campos. No topo da rocha, apresenta uma covinha sub-circular e uma cruz, gravada com sulco profundo, sugerindo este motivo a apropriação cristã de um local antigo, carregado de significados e sentidos.

## 5. Trabalhos arqueológicos

Os trabalhos arqueológicos realizados em 2008 e 2009 consistiram nas seguintes tarefas:

- Prospeção da área envolvente à estação arqueológica<sup>6</sup>;
- Levantamento integral dos motivos gravados<sup>7</sup>;
- Sondagens por georradar na área adjacente ao núcleo 1;
- Sondagens arqueológicas junto às rochas 1 e 3, do núcleo 1;



**Figura 16.** Levantamento dos motivos gravados na rocha 3, do núcleo 2.

- Limpeza e remoção de inertes depositados no núcleo 1;

### 5.1. Prospeção

Os trabalhos desenvolvidos consistiram na observação minuciosa do terreno envolvente à estação, com vista à possível detecção de vestígios arqueológicos que eventualmente pudessem ocorrer no local. A prospeção foi realizada através do método “field walking” tendo-se privilegiado a observação da área da plataforma compreendida entre a estrada asfaltada, a nascente e as pedreiras, a poente. Esta área complementou a prospeção realizada nas manchas onde foram cortadas e removidas as madeiras queimadas no incêndio de 2005, situadas até à cota dos 700 m.

O coberto vegetal, constituído por mato denso e cerrado, não facilitou os trabalhos, no entanto, aproveitaram-se as áreas com melhores condições de visibilidade, dando-se particular ênfase aos afloramentos graníticos encontrados, especialmente aos que apresentavam superfícies aplanadas, pela possibilidade de aí ocorrerem manifestações de arte rupestre. Também se valorizaram os monólitos isolados pela hipotética utilização como referenciais na demarcação territorial, possuindo algumas vezes,

<sup>6</sup> Esta operação visava entre outros objectivos recolocar a Cruz de Campelo e a rocha 2, do núcleo 1. Identificadas na década de 1990, foram entretanto ocultadas pelo depósito de inertes provenientes da pedreira que laborou na envolvência.

<sup>7</sup> O levantamento das gravuras contou com a consultoria de Ana Bettencourt e Lara Bacelar; a análise da geomorfologia e litologia do local teve a consultoria de Isabel Caetano Alves.



por essa razão, sinais identificativos. Sempre que oportuno, limpavam-se as superfícies da vegetação e musgos mais significativos, no sentido de facilitar a observação de eventuais gravuras.

Os resultados da tarefa de prospeção saldaram-se pela recolocação da Cruz de Campelo e pela identificação de novas gravuras, na Fraguinha (rochas 1 e 2, do núcleo 2), as quais pela proximidade e temática entendemos integrar no Santuário de Campelo. Identificaram-se, ainda, algumas estruturas de época histórica, relacionadas com as práticas agro-pastoris abandonadas no século passado.

## 5.2. Levantamento integral dos motivos gravados

Os trabalhos contemplaram três tipos de registo. O registo fotográfico, em formato digital, realizado em várias horas do dia, o registo gráfico (planos e secções) à escala 1:20 e o decalque com canetas de acetato, resistentes à água, de cor azul, vermelha e preta, no sentido de diferenciar as gravuras, das fissuras e do contorno rochoso, usando-se como suporte polivinilo 0,8.

As operações de decalque seguiram a metodologia já testada noutras estações, particularmente no Crastoeiro, que consistiu nas seguintes tarefas: Previamente, o polivinilo foi cortado em retângulos de 0,60x0,50 m e, com a cor azul, traçaram-se margens de 0,05 m. Seguidamente, dispuseram-se os retângulos sobre as gravuras, sobrepondo-se as suas margens e fixando-se com *bostik* à rocha. Todos os retângulos foram marcados no canto inferior esquerdo com uma seta de orientação para o norte, um número de identificação, de acordo com esquema previamente definido e a sigla CPL (Campelo), para o núcleo 1 e FRG (Fraguinha), para o núcleo 2, seguida do ano respectivo.

O trabalho de decalque aconteceu durante a noite, com o apoio de um gerador e focos de luz rasante para melhor percepção dos sulcos gravados.

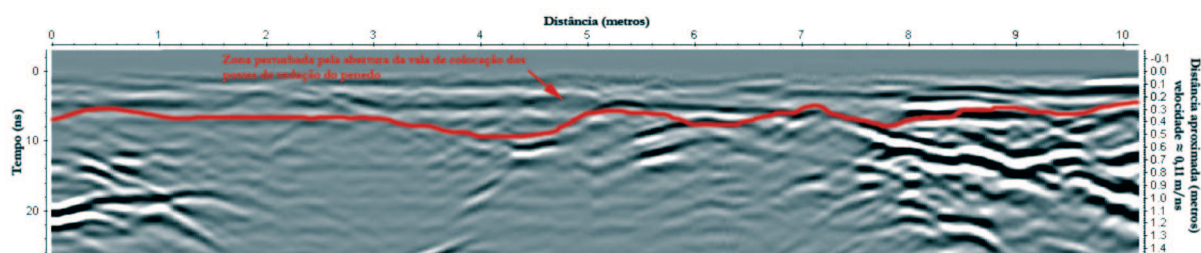
O decalque das gravuras da rocha 1, do núcleo 1, foi particularmente complexo devido às dimensões do monólito e às características dos suportes gravados, com protuberâncias, fendas e superfícies verticalizadas. No total foram utilizados 84 rectângulos de 0,60x0,50 m, de polivinilo, dispostos na rocha durante o dia, tendo sido ocupada uma noite inteira para se concluir o trabalho.

## 5.3. Prospeção arqueogeofísica, por georradar<sup>8</sup>

O georradar ou GPR (Ground Penetrating Radar) é uma ferramenta geofísica de análise sub-superficial com uma gama bastante alargada de utilizações (glaciologia, geologia estrutural, engenharia civil, sedimentologia) com um enfoque particular na arqueologia. A técnica do georradar, baseia-se na propagação pelo solo ou por outro meio dielétrico (betão, água, gelo, etc.) de radiação eletromagnética comumente designada por ondas eletromagnéticas ou ondas de rádio. Esta radiação é refletida de volta à superfície sempre que ocorram mudanças nas características dielétricas do meio que atravessam. No caso da arqueologia estas reflexões podem-nos indicar a presença de estruturas antropogénicas enterradas (muros, fornos, pavimentos, fossas, fossos, valados, etc.), bem como para indicar espessuras de solos e de camadas antropogénicas.

A prospeção geofísica realizou-se junto à rocha 1, do núcleo 1, tendo contemplado duas áreas, uma a norte, adjacente ao topo do penedo e outra a oeste, na base do penedo. O estudo teve por objetivo a identificação de potenciais estruturas antropogénicas enterradas na área contígua ao penedo, bem como definir as espessuras dos solos nessas mesma área.

<sup>8</sup> As sondagens foram realizadas por Luís Gonçalves, do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho. O equipamento de georadar utilizado foi o Sir-3000 da GSSI, e uma antena de 400Mhz.



**Figura 17.** Perfil 1 da grelha 2. A linha vermelha assinala o limite provável do substrato rochoso e a seta a área perturbada pela abertura de vala para colocação de postes de vedação do penedo.

Foram definidas duas grelhas retangulares, onde se efetuaram diversas passagens (perfis) paralelas com o georradar. Na área norte, no topo do penedo, elaborou-se a grelha 1 e na área a oeste, na base do penedo, a grelha 2.

### Grelha 1

Implantada numa área relativamente plana, com 7x2,5 m, compreendeu 12 perfis longitudinais de georradar, com espaçamento de 0,20m entre si.

O terreno sondado era constituído por sedimentos coluvionares e solo vegetal, sobrejacentes a um substrato rochoso. Pontualmente este substrato aflorava à superfície, particularmente junto ao penedo.

A prospeção realizada não revelou nenhum tipo de estrutura arqueológica enterrada, mas permitiu verificar a profundidade da fronteira entre o solo e o substrato rochoso. Esta variava entre os 0,05 e os 0,20 m de profundidade.

### Grelha 2

Com 10x2 m, integrou 10 perfis longitudinais de georradar, com espaçamento de 0,20 m entre si.

A análise dos perfis de georradar não permitiu identificar nenhuma potencial estrutura, tendo sido apenas possível verificar a espessura média do solo nesta zona. No entanto, observou-se que a zona da grelha junto à rocha apresentava perturbação resultante da colocação dos postes da vedação do penedo.

Foi possível definir a profundidade do substrato rochoso, nesta área. Observou-se uma profundidade média de 0,50 m, mas na zona direita dos perfis observa-se um aprofundamento do substrato até profundidades que podem passar o 1m.

## 5.4. Escavações arqueológicas<sup>9</sup>

As escavações tiveram como objectivo central precisar contextos de ocupação do local e afinar a sua cronologia. Nesse sentido, em 2008, implantou-se um rectângulo de 17x13 m, orientado a norte e configurado de maneira a conter o afloramento granítico onde se inscrevem as rochas 1 e 3 do núcleo 1. Em 2009, alargou-se a área escavada para noroeste, com um novo rectângulo de 7x6 m. A escolha deste novo local foi determinada pela sua topografia mais aplanada, o que pressupunha uma menor escorrência de sedimentos e pela convicção de aí encontrarmos a rocha 2, desaparecida desde

<sup>9</sup> As escavações decorreram de 18 de Julho a 1 de Agosto de 2008 e de 6 a 24 de Julho de 2009, num total de 26 dias úteis. Os trabalhos arqueológicos foram coordenados pelo signatário e dirigidos no campo por António Mário Dinis, Paulo Ferreira e Ana Castanheira, tendo participado Sean Hurst e Luís Pereira e os alunos da Licenciatura em Arqueologia da UM, Alberto Sousa, António Pereira, Cátia Carronda, Décio Alves, Diana Amorim, Eva Bonjardim, Hélder Teixeira, José Maciel, Júlio Nunes, Liliana Ribeiro, Márcio Lourenço e Matilde Araújo.





**Figura 18.** Escavação a norte da rocha 1, do núcleo 1.



**Figura 19.** Plano final de um dos quadrados escavados.

2000, quando foram despejados sobre o local toneladas de inertes provenientes da pedreira das proximidades<sup>10</sup>.

Para o registo de escavação escolheu-se como acrónimo CPL e, pensando em futuros trabalhos, enquadrou-se a estação arqueológica num quadrado de 100x100m, ao qual foi atribuída a letra “C”, desdobrando-o em 10 quadrados de 10x10m, identificados com dois números a que correspondem os eixos X e Y, e estes subdivididos de novo em 10 quadrados de 1x1 m, da mesma forma identificados com mais dois números. A área destinada à intervenção, ficou encaixada nos quadrados 35, 36, 44, 45, 46, 54 e 55 de 10 m<sup>2</sup>.

Utilizou-se como ponto 0 a parte mais elevada da rocha 1, localizada no lado oeste, numa proeminência gravada com círculos concêntricos.

A escavação teve em conta os princípios básicos de Harris, sendo a informação registada graficamente (à escala 1:20), fotograficamente (em formato digital) e em fichas de contexto.

Todos os quadrados foram escavados até à rocha base, numa profundidade pouco significativa atendendo à fraca potencia estratigráfica.

#### 5.4.1. Estratigrafia e estruturas

A área escavada, num total de 77,5 m<sup>2</sup>, apresentava uma potência estratigráfica, no geral muito reduzida, com poucos centímetros de espessura, constituída pelas UEs 00 e 01. A camada humosa (UE00), heterogénea, de coloração beije a castanha, arenosa e pouco compacta revelou presença de muitos inertes provenientes de escorrimentos da pedreira que laborou nas proximidades. A UE01, castanha escura, solta, mais arenosa que limosa, com muitas raízes e calhaus, associada a muitos quartzos e que, na maior parte dos quadrados, cobria a rocha base, foi a que forneceu mais espólio, tanto cerâmico como lítico.

A maioria das outras UEs identificadas, genericamente de formação recente e sem qualquer espólio, são pequenas bolsas, circunscritas a um ou dois quadrados, resultantes da grande antropização do sítio. Apenas os quadrados C4553 e C4543 revelaram maior potência estratigráfica, no entanto verificou-se que todas as camadas eram recentes, resultado da abertura de valas para implantação de postes de ferro que fizeram parte de um cercado de proteção das gravuras.

<sup>10</sup> A partir de um levantamento topográfico realizado nos finais da década de 1990, delimitámos uma área onde era previsível encontrar a rocha desaparecida. Retirados os grandes inertes constatamos que a cota atual era inferior à cota registada no levantamento, não havendo rasto da rocha 2, pelo que admitimos que devido às suas dimensões reduzidas, possa ter sido retirada do local para parte indeterminada.

As estruturas identificadas, cronologicamente atribuídas a época histórica, são uma estrutura de combustão e dois pavimentos. À primeira corresponde uma bolsa de cinza e carvões integrada na UE04, tendo aparecido entre os quadrados C4559 e C4548. Os pavimentos são bolsas de terra preta, arenosa, muito compacta, localizando-se entre os quadrados C5403 e C5493. Um deles está coberto pela UE10 e o outro sobre a UE17.

#### 5.4.2. Espólio

Os materiais exumados são muito escassos tendo sido encontrados dispersos pela área escavada nas UEs 01, 03, 19 e 21. Entre o espólio recolhido contam-se fragmentos de cerâmica, lisa, atribuíveis à Idade do Bronze, alguns líticos e ecofactos.

##### *Cerâmica*

Recolheram-se 10 pequenos fragmentos de panela, distribuídos pelos quadrados C4528, C4539, C4568 e C4630 e pelas UEs 01, 19 e 21. Possuem fabrico manual, cor castanha escura e superfícies alisadas. As características de textura e cozedura sugerem cerâmica da Idade do Bronze.

Exumaram-se, também, alguns fragmentos de cerâmica, de fabrico recente, relacionados com a recolha de resina dos pinheiros.

##### *Líticos*

O material lítico mais abundante é constituído por pequenos quartzos, tendo aparecido alguns seixos de rio, fragmentados.

Um fragmento de xisto, alisado numa das faces, sugere um amolador. Apareceu no quadrado C4539, na UE01. Na mesma camada, no quadrado C4528, apareceu um pequeno fragmento, do mesmo material, com incisões que sugerem decoração e no C4567 um fragmento de um dormente de moinho de “vaivém”, com a face polida voltada para baixo.

Os únicos *itens* de exceção recolhidos foram um fragmento de ponta de seta, de pequenas dimensões, encontrado no quadrado C4529, na UE01 e um calhau afeiçãoado, com duas reentrâncias paralelas, sugerindo um peso de tear ou de rede, proveniente do quadrado C5442, na UE03.

##### *Ecofactos*

A análise macroscópica dos sedimentos flutuados revelou apenas a presença de carvões. No quadrado C4595, na UE19, recolheu-se uma semente não determinada.

#### 5.5. Limpeza da estação

Previamente às escavações, alguns operários da autarquia procederam à limpeza do mato e ao abate de pinheiros e eucaliptos existentes na área a intervencionar<sup>11</sup>. Depois da escavação alargou-se a limpeza do mato a uma área muito maior facilitando, desse modo, a visibilidade do sítio e devolvendo-lhe um pouco da sua ambiência primitiva, uma vez que ficou valorizado o coberto de *Quercus* que ainda se mantém.

No mês de Agosto e parte de Setembro de 2009, uma máquina com pá giratória e um camião *dumper* trabalharam, ininterruptamente, na área envolvente ao núcleo 1 da estação rupestre, retirando blocos de pedra e entulhos de pedreira, depositados por desconhecidos naquele local, durante o ano de 2000<sup>12</sup>. Este trabalho foi acompanhado pelo Coordenador do Projeto, por forma a que as máquinas pesadas, utilizadas na operação, não afectassem o local e especialmente o sítio onde se presumia pudesse estar a rocha 2, desaparecida desde aquele ano.

### 6. Considerações finais

Os trabalhos de prospecção sistemática, levados a cabo na vertente oeste do monte da Senhora da Graça, entre o Crastoeiro e a

<sup>11</sup> A operação foi coordenada pelo responsável do serviço, Paulo Fernandes.

<sup>12</sup> Nessa altura, o signatário denunciou ao Instituto Português de Arqueologia aquele crime ficando consignado, numa reunião em que participaram técnicos da Extensão de Macedo de Cavaleiros e responsáveis da autarquia local, que a Câmara Municipal reporia às suas custas a situação.



pedreira de Campelo, não revelaram outros sítios arqueológicos para além de um conjunto de afloramentos graníticos com gravuras rupestres, estilisticamente integráveis na arte atlântica do Noroeste. Distribuídos por dois núcleos que distam menos de 100 m entre si, os penedos com volumetrias, posicionamentos e gramáticas decorativas diferenciadas, configurariam um santuário, isto é um lugar especial, frequentado e usado em atos talvez sazonais, relacionados com os ciclos solar/lunar e o monte onde se implanta. No seio deste santuário assumiria posição hierárquica a rocha 1, do núcleo 1, o único exemplar com volume expressivo e complexidade de gravuras e a primeira rocha do conjunto a ser iluminada quando o sol nasce no topo do monte, com o qual tem visibilidade exclusiva. Nesta rocha gravaram-se proeminências de forma subcónica, com motivos de grandes dimensões, num processo de longa duração representado por diversas sobreposições e adições.

Considerando que as gravuras rupestres enfatizam o significado pré-existente dos locais onde se distribuem, possibilitando leituras de como as comunidades perceberam o mundo natural onde estão imersas e actuam (Ingold 2000), estes relevos gravados, que deverão expressar a projeção mental do monte da Senhora da Graça, reforçam a relevância deste *locus* como espaço sagrado *intermediário* com aquele acidente natural. A sua forma imponente, transmissora de uma aura mítica, sempre se terá assumido como espaço emergente de forças telúricas, com as quais as comunidades simbolicamente se interrelacionaram (Dinis, 2009c).

A implantação do santuário na média/baixa vertente daquele monte, no patamar altimétrico dos 400-450m, deverá configurar o limiar entre dois mundos, o domesticado/acessível (do vale) e o agreste/inacessível/sagrado (da montanha), numa dialética que encontra paralelos nos sítios vizinhos do Crastoeiro e das Pegadinhas e em outras estações de arte rupestre do Noroeste Peninsular (Bradley, 2002).

As sondagens geofísicas e arqueológicas, realizadas em 2008 e 2009 no espaço contíguo ao núcleo 1 revelaram que o local se encontra muito perturbado pela ação antrópica, se bem que se tenha confirmado a sua ocupação durante a Pré-História Recente. O achado de fragmentos de cerâmica lisa, de um fragmento de mó dormente, em granito, e da extremidade de uma ponta de seta, em xisto, materiais que poderemos enquadrar na Idade do Bronze, poderão ser resultado de deposições rituais, hipótese compaginável com o aparecimento, perto deste local, há cerca de 15 anos, de 3 machados de pedra polida, aparentemente sem utilização.

A singularidade petrológica e extraordinária quantidade e variedade dos motivos gravados na rocha 1, do núcleo 1, em associação com as características dos outros exemplares do santuário, parecem revelar estarmos perante um *locus* de grande amplitude temporal, provavelmente imbuído de narrativas ainda antes da realização dos primeiros grafismos, os quais teriam conferido ao local novos sentidos e/ou potenciado os pré-existentes.

A longa duração sustentada pela sobreposição e adição de motivos, quiçá num processo de reorganização e reinterpretação do Santuário, terá culminado na apropriação do sítio pelo cristianismo. Esta hipótese fundamenta-se na interpretação do cruciforme gravado na rocha 3 do núcleo 2, como um sinal da cristianização de um espaço emblemático para as populações, materializando-se deste modo a estratégia da igreja católica de depuração e monopolização de antigos espaços simbólicos, tal como nos dá conta S. Martinho de Dume, na obra “*Correctione Rusticorum*”<sup>13</sup>. Esta ação encontra paralelos em locais bem próximos de Campelo, tanto no Crastoeiro (Dinis, 2009a) como na laje das Pegadinhas, cujas gravuras são atribuídas às marcas da burrinha e de Nossa Senhora na fuga para o Egito, fenómeno interpretativo resultante do mesmo processo de apropriação dos cultos cristãos.

<sup>13</sup> Embora esta tese seja fundamentada, não podemos descartar a hipótese da gravura ser recente, fazendo parte das marcas de delimitação de propriedades encontradas noutros pontos do concelho.

## 7. Bibliografia

- BRADLEY, R. (2002) - Access, style and imagery: The audience for prehistoric rock art in atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC. *Oxford Journal of Archaeology*. 21 (3), p. 231-247.
- DINIS, A.P. (2001) - O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal). In António Pereira Dinis (ed.) - O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal). *Cadernos de Arqueologia*. 13. Braga: Universidade do Minho
- DINIS, A.P. (2009a) - *Carta Arqueológica de Mondim de Basto*. Mondim de Basto: Câmara Municipal de Mondim de Basto.
- DINIS, A.P. (2009b) - O Crastoeiro e a ocupação da vertente Oeste do Monte da Senhora da Graça, Mondim de Basto (Norte de Portugal). In Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia: um Património sem Fronteiras. Montalegre, Outubro de 2008. *Revista Aqvae Flaviae*. 41. Chaves, p. 209-217.
- DINIS, A.P. (2009c) - O Monte Farinha ou da Senhora da Graça, Mondim de Basto: interpretações para a biografia de um “lugar”. In Ana M. S. Bettencourt & Lara Bacelar Alves (eds.) - *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à atualidade*. CITCEM-APEQ, p. 77-94.
- DINIS, A.P. e BETTENCOURT, A.M.S. (2009) - A Arte Atlântica do Crastoeiro (Norte de Portugal): Contextos e significados. *Gallaecia*. 28. Universidade de Santiago de Compostela, p. 41-47.
- INGOLD, T. (2000). *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres, Routledge.
- REY CASTIÑEIRA, J. e SOTO-BARREIRO, M.J. (2001) - El arte rupestre de Crastoeiro (Mondim de Basto – Portugal) y la problemática de los petroglifos em castros. In António Pereira Dinis (ed.) - O Povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal). *Cadernos de Arqueologia*. 13. Braga: Universidade do Minho, p. 159-200.